

Um biógrafo em busca dos segredos de Freud

LINA DE ALBUQUERQUE

Peter Gay, o historiador alemão naturalizado norte-americano, olha o relógio, franze a testa, coça longamente a sobranalha. Embora preocupado em mostrar-se solícito na meia hora de conversa (rigorosamente cromometrada por ele), Gay não resiste e faz um queixume: desde que desembarcou em São Paulo, na segunda-feira, só trabalha e quase não saiu das redondezas do hotel Mofarrej, na alameda Santos, onde está hospedado.

Por isso, retorna hoje a New Haven, em Connecticut, nos Estados Unidos, onde vive e dá aula de História na Universidade de Yale, com a impressão de que São Paulo é "uma espécie de Los Angeles". Mas tudo bem. A missão que o trouxe aqui não permite mesmo "escapadelas" para muito além dos Jardins. Ele veio para participar das homenagens pelos 50 anos da morte do criador da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), doar a alma para uma maratona de entrevistas e conferências e divulgar seu último livro — até o momento, a mais instigante biografia de um dos personagens mais biografados deste século.

Freud — Uma vida para o nosso tempo, lançado pela Companhia das Letras, consumiu dois anos e meio da vida do biógrafo.

Ele pôde vasculhar documentos inéditos, não utilizados nem por Ernest Jones nos três volumes da transbordante biografia *A Vida e Obra de Sigmund Freud*, considerada clássica embora criticada por muitos psicanalistas, porque Jones foi discípulo fiel de Freud, e a biografia, encomendada pela filha mais nova do médico austriaco Anna Freud.



"Freud foi grande, mas cometeu erros. Nem sempre foi discípulo de Sigmund Freud."

Se Gay estivesse interessado em atingir os requintes da perfeição, esperaria completar 91 anos (ele tem 66) antes de enfrentar o enigma Freud. Aproximadamente mil cartas da correspondência entre Freud e a sua então noiva Martha Bernays, que se tornou sua mulher, então guardadas a sete chaves no Departamento de Manuscritos

da Biblioteca do Congresso, em Washington.

A pedido da própria Anna Freud, elas somente serão conhecidas daqui a aproximadamente 25 anos.

Portanto, se alguma mágica fizesse com o Gay se encontrasse com Freud por alguns minutos, o historiador pediria: "Conte-me mais sobre a sua vivência infantil". Peter Gay tem muitas dúvidas sobre a veracidade dos acontecimentos do mundo familiar que envolvia o psicanalista.

A irmã Anna de Freud escreveu que eles tinham um irmão que detestava música. Diante deste ódio compulsivo, a mãe Amália teria optado por vender o piano das filhas.

Mas se essa cena sobrenatural pudesse acontecer, talvez Freud simplesmente repetisse o que escreveu a sua noiva em 1885, ao informar-lhe que havia destruído todas as suas anotações de 14 anos antes.

Peter Gay não acende velas para Freud, mas o considera um grande homem. No entanto, ele não deixa de mencionar os erros clássicos de seu biografado: bisgifsada: ter psicanalisado a própria filha (contrariando a teoria do distanciamento que ele mesmo elaborou), dado comida a um paciente que se julgava um rato, ou analisado um menino de cinco anos, que tinha um medo obsessivo de ser mordido por um cavalo, somente por intermédio de conversas com o pai da criança. "Nem sempre Freud foi um bom discípulo de Freud", avalia Gay.

"A psicanálise é universal"

Pai de uma prole numerosa de 18 livros, o historiador Peter Gay sabe que é bem menos brilhante quando fala. Isso ficou patente, por exemplo, nas conferências lidas sobre o tema "Freud para Historiadores", realizadas ontem no Auditório da Hebraica, no Rio, e na véspera no anfiteatro do prédio da História da Universidade de São Paulo (USP).

Na verdade, é custoso para Gay ter de enfrentar os mesmos assuntos e perguntas dezenas de vezes. Se há duas questões que ele não tolera mais comentar, elas dizem respeito às especulações de cientificidade da psicanálise e do trocadilho segundo o qual o maior problema da psicanálise é a própria psicanálise.

"Não concordo com Karl Krauss, quando afirma que a psicanálise é uma doença que nem a psicanálise cura", diz ele. "Essa piada não tem mais graça." Peter Gay considera a psicanálise uma ciência certamente diferente da Física e da Astronomia, que, ao contrário da astrologia, se baseia em evidências concretas.

"Ela é universal", sentença. Gay lembra que nos anos 20 o antropólogo Bronislaw Malinowski foi às ilhas Trobriand, no Pacífico Sul, e chegou à conclusão de que o Complexo de Édipo não se aplicava àquela cultura. "Felizmente há cinco anos outro antropólogo, Mel Spiro, cuidou de escrever um livro para provar que Malinowski não entendeu nada sobre a teoria de Freud." Dentre os desdobramentos do freudianismo, a linha desenvolvida por Lacan é a que menos desperta o seu interesse: "Estou muito surpreso por constatar que a influência de Lacan no Brasil é muito maior do que nos Estados Uni-

dos". Segundo Gay, no seu país ele é mais conhecido entre os professores de literatura francesa do que entre os psicanalistas.

Os últimos minutos da entrevista foram reservados para o historiador responder às perguntas formuladas por dois dos mais conceituados psicanalistas brasileiros, Jurandir Freire Costa e Renato Mezan (ambos desconhecidos por ele), coletadas por telefone pelo Estado. O primeiro estava intrigado pelo motivo pelo qual Freud, tendo convivido na mesma época em Viena com o filósofo Ludwig Wittgenstein, nunca se tenha interessado pelo autor de *Tractatus Logico-Philosophicus*. Mezan foi menos específico e ficou curioso

Freud e a filha Anna: relação conturbada que resistiu ao divã do pai da psicanálise



apenas em saber o que teria levado o historiador a se apaixonar pela psicanálise.

Segundo Gay, Freud nunca se aproximou da filosofia e tinha até um pouco de falta de respeito pelos filósofos: "Quando li a confusão escrita por Wittgenstein sobre Freud, não deixei, em parte, de dar razão a ele". Já a psicanálise o alcançou há 35 anos. Peter Gay era estudante de Ciências Políticas da Universidade Columbia, em Nova York, e ficou muito impressionado ao ver o seu professor Franz Neumann, um marxista convicto, lendo Freud. Os marxistas ortodoxos, como se sabe, costumam ser avessos ao pensamento psicanalítico.

Nos anos 70, o historiador começou a estudar a psicanálise sistematicamente, por acreditar que ela poderia ser um instrumento importante para a compreensão da História. Só para ter uma idéia, ele encara Freud como um personagem de tradição iluminista que se ocupa da não-razão em nome da ciência. Mas o professor da Universidade de Yale faz questão de enfatizar que o fato de ser judeu (Gay desembarcou nos Estados Unidos em 1941, fugindo do nazismo) como o médico austriaco não teve peso algum na sua decisão de aprofundar-se na vida e obra de Freud.

"A História utiliza sem pudor os gráficos da Sociologia, as estatísticas da Economia, e os conhecimentos da Antropologia Cultural. Por que não a Psicanálise?", indagou ele no auditório da USP. **Freud para Historiadores** está sendo lançado no Brasil pela Editora Paz e Terra. "Se não encorajo mais os meus alunos a se voltar para a psicanálise é porque ainda existe muita resistência e tenho medo de que eles não encontrem emprego."